

## “Dicionário(s) no Feminino”

Isabel Maria da Cruz Lousada

### **Resumo:**

Tenho por objectivo apresentar, à luz de dados bio-bibliográficos de Zília Osório de Castro, o percurso subjacente à edição de *Dicionário no Feminino*, obra conjunta a que a homenageada preside na orientação científica. O termo, passível desde o título de ser lido no plural, dicionários, resulta da análise feita também ao IIº Tomo, que se encontra em fase final de compilação, e ao qual me foi dado acesso para consulta. Num segundo momento procedi a uma “Leitura”<sup>1</sup>, com o intuito de traduzir, ainda que sumariamente, o estado da arte para trabalhos de natureza análoga, em Portugal e no estrangeiro.

### **Abstract:**

«Women have served all these centuries as looking–  
glasses possessing the magic and delicious power of  
reflecting the figure of man at twice its natural size. »<sup>2</sup>

Imaginando que um grupo de investigadores prepara a edição de um Dicionário sobre Mulheres notáveis da contemporaneidade, e que isso seja cientificamente plausível, que poderá escrever sobre “Zília Osório de Castro”? Desde logo, atendendo ao assinalável percurso enquanto distinta académica, vislumbra-se o seguinte apontamento:

«Natural de Coimbra, nasceu a 2 de Abril de 1935, no seio de uma família tradicional de jurisconsultos. Formada em História pela Faculdade de Letras da

---

<sup>1</sup> Para usar o termo definido na revista *Faces de Eva* para as recensões críticas nela publicadas.

<sup>2</sup> Virgínia Woolf, *A Room of One's Own*, London, ed. Penguin, 1974, p. 37.

Universidade de Coimbra (1974), a singularidade do seu percurso evidencia-se, pela incursão no domínio da História das Ideias Políticas, na esteira de seu mestre, Professor Doutor José Silva Dias, de quem foi assistente na Universidade de Coimbra (1974/9). Em 1979 entrou como assistente no Departamento de História da FCSH/UNL. Três anos depois (1982), com a emergência da Variante em História das Ideias, transitou para o Departamento de Filosofia, especializando-se em História das Ideias Políticas. Até 2005, ano em que foi jubilada, percorreu todos os degraus da carreira académica docente, até ao seu Zénite, a cátedra. Foi chamada, paralelamente à docência, a desempenhar cargos directivos e de gestão na FCSH; entre os quais se destaca o de Sub-directora (1996/2000) e o de Directora dos Serviços de Informação e Documentação (1995-96).

No seio da comunidade científica, contribuiu para a construção de um novo paradigma na história das ideias, em especial das políticas - área em que publicou, para além de dezenas de artigos dispersos por revistas científicas, as obras: *Cultura e Política. Manuel Borges Carneiro e o Vintismo*, 2 tomos, Lisboa, INIC, 1990 (Dissertação de doutoramento); *Portugal e Brasil. Debates Parlamentares. 1821-1836*, Lisboa, Assembleia da República, 2002; e *Ideias Políticas (séculos XVII – XVIII)*, Lisboa, Livros Horizonte, 2002. Dirigiu e colaborou, igualmente, no *Dicionário do Vintismo e do primeiro Cartismo (1821-1823)*, Afrontamento, Lisboa, 2 vols., 2002.

Investigadora do Centro de História da Cultura (CHC) da UNL, integrou a direcção deste e foi responsável pela sua biblioteca (1987-1989); coordenou uma linha de investigação, subordinada ao tema *Cultura e ideologias no Portugal Moderno* (1987-1991). Foi membro do seu Conselho Científico (1991- 2006?) e coordenou os projectos: *Piedade Popular em Portugal* (1990-97) e *Ciência Política/Relações Internacionais* (1995-2006?). É directora-adjunta da revista *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*, publicada por esse centro de investigação.

Exímia orientadora de estudos de investigação - licenciatura, mestrado e doutoramento - e responsável pela criação de vários grupos de trabalho - entre os quais, o **Seminário Livre de História das Ideias e Faces de Eva. Centro de Estudos sobre a Mulher**, a que presidiu a partir de 2001 e cuja origem radicou no Instituto Pluridisciplinar e de História das Ideias (IPHI), ao qual esteve ligada. Fomentou o interesse pela pesquisa nas áreas que leccionou - especialmente em História das ideias e doutrinas políticas e em História Cultural e Política - e, a partir

dos finais do séc. XX, em torno dos Estudos sobre a Mulher. Leccionou nos vários Cursos Livres e de Pós-graduação de Estudos sobre a Mulher, organizados a partir de 2002 pelas Faces de Eva, realizados na FCSH/UNL.

Directora da Revista *Faces de Eva. Estudos sobre a mulher*, desde o seu primeiro número, publicação bianual do Centro a que preside, dirigiu a obra *Falar sobre Mulheres. Da Igualdade à Paridade*, editada pelos Livros Horizonte, em 2003 – conjunto de estudos que reflectem a situação da mulher na sociedade, nomeadamente na sociedade portuguesa, contribuindo para o entendimento da Mulher como Pessoa. Foi, com João Esteves, a responsável pela edição do primeiro volume de *Dicionário no Feminino (séculos XIX-XX)*, publicado em 2005. Esta obra colectiva tornou-se referência de consulta incontornável e ficou consagrada enquanto “instrumento metodológico” para os estudos das mulheres em Portugal, mesmo antes da publicação do segundo volume, que dirige e em que participa, enquanto investigadora sagaz, que jamais deixa adormecer a ânsia de saber».

Claro que a esta breve nota seguir-se-ia uma bibliografia infindável, muito para além dos títulos nela indicados. Títulos que ocupam as prateleiras de qualquer biblioteca especializada em História das Ideias, como a Biblioteca José Silva Dias do Centro de História da Cultura da FCSH/UNL - palco de saber que cresceu sobre os ombros de um pequeno grupo de estudiosos, entre os quais os seus. Mas sejamos menos formais e mais intimistas, retendo o olhar, sobretudo, nos seus passos mais recentes.

O saber de um historiador (ou deveria dizer, passe a ironia, historiadora?) aliado à sua tenacidade, fá-lo persistir e, no caminho ... faz Escola. Dito isto, o mais foi dito para a grande generalidade dos académicos. Contudo, existem pensadores e críticos para quem, mais do que fazer escola importa fazer derivar conhecimento, alargando horizontes ... na sua expressão máxima o discípulo suplanta o mestre. É nessa última categoria que assistimos, isto é, reconhecemos mérito assinalável aos trabalhos que autonomizando-se, tiveram a sua origem em aconselhamentos e orientações a cargo de Zília Osório de Castro.

O respeito pela diferença, a aceitação pela diversidade espelham a grandeza de espírito própria dos grandes Homens, sejam eles homens ou mulheres. Só assim se compreende a evolução havida, cuja possibilidade de verificação está ao alcance de quem o deseje, no grupo constituído em torno de Estudos sobre a mulher a partir de um Instituto, por si dirigido, à época, Pluridisciplinar e de História das Ideias. Faces

de Eva, nome magistralmente por si escolhido para enquadrar investigadores, membros e colaboradores, unidos pelo gosto relativo aos estudos sobre a Mulher. Não é possível, estamos convictos, descortinar no grupo uma facção dominante, mas sim a confluência de inúmeras formas de abordagem, nem sempre naturalmente coincidentes, por vezes mesmo, e de modo saudável, em conflito, que vão tendo expressão em iniciativas promovidas em nome do Centro de Investigação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, ao presente integrado no Socinova. A uniformidade raras vezes radica em qualidade. No caso vertente, a diversidade traduz a pluralidade. E muito bem, espelhando a forma de sentir da sua dirigente, para usar palavras suas: “nem sei estar de outra maneira na vida!” Não fazendo acepção de pessoas, mas incitando-as a levar às últimas consequências os projectos que se propõem empreender, nem sempre é fácil, compreendamos. Mas, à partida dá oportunidade de pôr em marcha ideias nem sempre por si corporizadas. E será exactamente na defesa de uma regularidade de acções que se traduz a disparidade aparente nos calendários de actividades. A existência de convicções muito distintas nos grupos por si presididos, deixa antever momentos de crítica bastante acesa<sup>3</sup>, o que acaba por ser vantajoso e mostra a sua capacidade de harmonização.

**Faces de Eva. Centro de Estudos sobre a mulher** tem vindo, apesar de algumas contrariedades, a conquistar a sua presença para a temática e a área em que se inscreve. Disse conquistar e afirmo-o de novo. Uma conquista assente no esforço em manter coeso um conjunto de pessoas, transformando-o em grupo pela identificação e partilha de um objectivo comum a qualquer um(a) de nós, conquanto respeitando as diferentes convicções que a qualquer título tenhamos. Podemos afirmar que já temos história. E temos resultados. Vejamos: a revista semestral *Faces de Eva* espelha a dedicação dos membros que sistematicamente empreendem na defesa da qualidade acompanhando o olhar retrospectivo: patente em Ensaios, Entrevistas, e rubricas como as pioneiras mas simultaneamente dando conta dos aspectos fundamentais da actualidade nomeadamente em rubricas como o Estado da Questão, as notícias, as leituras, que acompanham a edição de cada número.

Esta publicação foi precedida pela *Ex Aequo*, revista da Associação Portuguesa de Estudos Sobre as Mulheres (APEM), assinalável desde há muito, como referência obrigatória no âmbito dos estudos homónimos à APEM. A nota editorial,

---

<sup>3</sup> Lembro, a este propósito, os meses de campanha eleitoral que antecederam a votação para o referendo sobre a Interrupção Voluntária da Gravidez.

que acompanha o primeiro número, sublinha a necessidade de coesão dos grupos de pesquisa em redor dos estudos sobre as mulheres. Neste sentido, reporta-se a uma atmosfera a que, mesmo ainda hoje, não somos alheias:

*A ausência de institucionalização dos estudos sobre as mulheres tem também consequências ao nível da prossecução de projectos colectivos. Verificamos, assim, uma pulverização de pequenos núcleos não organizados, encastrados em instituições que muitas vezes os encaram como mal menor, como álibis, em nome de uma (pretensa) imagem de progresso e de “correção política”, assumida só à superfície. Pequenos grupos desprovidos de meios financeiros próprios, sem estruturas permanentes e fortemente dependentes das personalidades que os lideram em cada conjuntura [sublinhado nosso]*<sup>4</sup>.

«O caso específico de *Dicionário no Feminino* (séculos XIX-XX)»

«A mulher verdadeiramente emancipada, tal como a sonha o progresso, não existe ainda, porque as cadeias que a manietam são tão sólidas, tão pesadas, que ella não pode quebral-as, que não pode sequer sustentar-se de pé; a sua liberdade, porém, virá:- o século vindouro vê-la ha erguer-se em plena luz, casta e forte como a mulher da Escripura, abroquelada nos seus direitos, nos seus talentos, na sua consciência.»<sup>5</sup>

Será exactamente na esteira da assunção feita por especialistas a propósito do tema, e segundo os quais quem recenseia não se dirige ao autor mas sim aos leitores<sup>6</sup> - a quem certamente deverá ter-se algo a dizer - que fundamento a leitura que apresento de *Dicionário no Feminino*, a fim de integrar o Livro de Homenagem a

---

<sup>4</sup> “Nota Editorial”, in *Ex aequo*, Lisboa, Celta, nº 1, 1999, p. 9.

<sup>5</sup> Narcisa Amália [de Campos (1852-1924)], “A Emancipação da Mulher (II)”, in *A Vida Moderna*, Porto, 8º anno, nº 36, 24 de Agosto de 1887, p. 1.

<sup>6</sup> Cf. Walford, A. J. (Ed.), *Reviews and Reviewing – A Guide*, London, Mansell Publishing Limited, 1986, p. 6. [apud Leonard Woolf distinguindo crítica literária de recensão pelo facto de o recenseador ‘has nothing to say to the author; he is talking to the reader’ (Woolf, Leonard, ‘Note’, in Virginia Woolf, *Reviewing*. London, Hogarth Press, 1939, p. 29) .

Zília Osório de Castro. Não é à Catedrática, Jubilada pela FCSH, que me dirijo, mas a quem ler sobre ela. O percurso feito pela Doutora, já acima assinalado, fala de *per se*.

Em primeira instância, antes de prosseguir a leitura sobre o *Dicionário no Feminino (séculos XIX-XX)*, gostaria de sublinhar que este se enquadra nos estudos feministas e não nos de género<sup>7</sup>. Para isso, seguimos a distinção de Elisabeth Schüssler Fiorenza, autora polémica, membro da comunidade exegética e figura incontornável no estudo da hermenêutica feminista dos textos bíblicos: «enquanto os estudos de género acentuam que o género é uma construção social, os estudos feministas acentuam a ideia de que as mulheres (wo/men) são sujeitos intelectuais e agentes sociopolíticos»<sup>8</sup>. Nesta perspectiva, enquanto os estudos do género isolam a opressão do género de outros tipos de opressão; os estudos feministas enquadram a opressão das mulheres num quadro de opressão global.

É precisamente neste âmbito que se deve compreender este Dicionário, quer enquanto instrumento de trabalho, quer como “expressão de um modo de ser e de estar”, tal como salienta Zília Osório de Castro na “Introdução”. Segundo as suas palavras, importa restituir a visibilidade «de marcos que as mulheres deixaram na sociedade coeva, marcos em grande parte ocultos ou silenciados pela presença masculina, mas nem por isso menos reais»<sup>9</sup>. Enquanto movimento social, mais do que isso, enquanto movimento intelectual e sociopolítico, o feminismo deve acentuar (e não esquecer) a emergência das mulheres enquanto indivíduos, agentes no espaço e no tempo, na História. Remover a falsidade, repondo a verdade: a traição à mulher como uma constante. O que nos remete para as palavras de Paula Moura Pinheiro, na sua entrevista concedida a *Faces de Eva*: «(...) as mulheres foram traídas na Revolução Bolchevique e já o tinham sido pela Revolução Francesa. As primeiras a saírem à rua foram as mulheres e depois foram das primeiras a serem guilhotinadas»<sup>10</sup>.

---

<sup>7</sup> A noção de género, tradução literal do termo inglês “gender” tem suscitado polémica bastante. Assim, reconhecendo a dificuldade de separação dos termos, que não dos conceitos, resta precisar que à luz de uma visão transdisciplinar a questão se clarifica.

<sup>8</sup> Elisabeth Schüssler Fiorenza, *Sharing Her Word: Feminist Biblical Interpretation in Context*, Boston, 1998, p. 34. Trad.de Teresa Toldy, in *Também há Mulheres Filósofas*, Caminho, Lisboa, 2001, pp. 221-240.

<sup>9</sup> Zília Osório de Castro, «Introdução», *Dicionário no Feminino (séculos XIX-XX)*, Lisboa, Livros Horizonte, vol. I, 2005, p. 7.

<sup>10</sup> Veja-se Isabel Lousada e Maria João Cantinho, “Entrevista a Paula Moura Pinheiro”, *Faces de Eva*, Lisboa, Colibri, nº 19, 2008.

Símbolo da luta contra a exclusão social da mulher, como salienta o progenitor deste projecto, João Esteves, na “Nota Explicativa”, o *Dicionário no Feminino (séculos XIX-XX)* é composto por cerca de 3000 entradas, procurando abarcar a imprensa feminina do séc. XIX e primeiras décadas do séc. XX - de *Gazeta das Damas* (1822) e *Diálogo de Duas Velhas* (1922) até ao *Jornal-Magazine da Mulher* (1950) -, congregações religiosas, associações, instituições e organizações de mulheres. E traz à presença todos os nomes que constam da pesquisa que se centrou naqueles títulos, que tenham concluído o seu ciclo de vida. Do mesmo modo relembra todos aqueles que, durante o período em questão, contribuíram de algum modo para a luta da emancipação da mulher - caso, por exemplo, de Arnaldo Brazão.

Assume-se como uma “obra aberta e plural” que carece ser completada periodicamente. O *Dicionário*, como sublinha João Esteves, «continua aberto à colaboração de todos/as que queiram corrigir ou acrescentar dados, discordem de interpretações propostas ou queiram cooperar com outras entradas e novos conteúdos»<sup>11</sup>. Ou seja, constitui um ponto de partida para investigações futuras e substancia, enquanto trabalho desenvolvido por um vasto conjunto de investigadores, nas palavras da nossa homenageada, a continuidade e credibilidade do grupo de pessoas que integram as **Faces de Eva** - que, de resto, dá seguimento ao segundo volume desta obra.

Ao folhear o volume I deparamo-nos com uma disparidade na quantidade de informação apresentada em diferentes entradas (distribuídas ao longo de 904 páginas), que se fica a dever ao critério subjacente à sua elaboração. O que, no fundo, se encontra em sintonia com a filosofia de base de obras análogas - a título de exemplo, sublinhamos o testemunho de Delia Gaze, na nota editorial feita a *Dictionary of Women Artist*:

*In a book dealing with such area as this, it is perhaps inadvisable to talk of “criteria for inclusion” in any conventional sense at all; in many cases, the race was as important as the prize, and failure no ground for exclusion.*<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> João Esteves, «Nota Explicativa», Idem, p. 11.

<sup>12</sup> Delia Gaze, “Editor’s Note”, in *Dictionary of Women Artist*, London/Chicago, Fitzroy Dearborn Publishers, 1997, p. viii.

O contributo dado por uma mulher, por mais ínfimo que tenha sido, não foi omitido dando cumprimento ao desiderato dos mentores do Dicionário visando fazer sair do esquecimento muitos nomes retidos/remetidos? Na/Para a memória. Permitindo quiçá desse modo também reconstituir percursos de vidas reais em quotidianos comuns, nem sempre assinaláveis, em tempos menos mediáticos. A expressão da singularidade de muitas existências será ponderada por gerações futuras. A possibilidade de resgatar nomes de um universo feminino tão pouco conhecido ainda em Portugal é por si só meritório. Estatísticas, listagens, valem o que valem. Desejável será que estudos ulteriores possam colmatar lacunas.

As entradas deste dicionário são ordenadas pelo nome completo - «tentou-se recuperar a identidade feminina, não a fazendo depender do apelido, como sucedeu durante demasiado tempo»<sup>13</sup>. Aliás, esta prática não constitui uma exceção, nos dicionários sobre as mulheres. A título de exemplo, *Dicionário Mulheres do Brasil de 1500 até Actualidade* constitui um caso paradigmático dessa prática comum. Em nota à apresentação da obra, depois de identificada a metodologia seguida, Hildete Pereira de Melo e Teresa Novaes Marques, justificam a inserção das biografias pelos prenomes das mulheres, ao invés do nome de família, nos seguintes termos: «esta decisão, embora rompa as regras de elaboração de dicionários biográficos, é perfeitamente coerente com o propósito desta obra no que diz respeito à recuperação do papel das mulheres do povo, sem família ou linhagem, na história do país»<sup>14</sup>. Prática que nem sempre é compreendida por alguns críticos, sobretudo quando se lançam neste tipo de obras como num dicionário comum<sup>15</sup>; entendendo esta opção como fruto de um “ismo” e não de forma pragmática. Na verdade, não devemos esquecer a diferença genérica que une as mulheres; disparidade que implica que um dicionário sobre mulheres siga critérios distintos dos seguidos num dicionário genérico.

Neste sentido, lembramos as palavras da filósofa espanhola Victoria Camps, um parecer que encerra o prefácio de *Diccionario de Mujeres Célebres* (1994):

---

<sup>13</sup> Idem, p. 10.

<sup>14</sup> *Dicionário Mulheres do Brasil de 1500 até Actualidade*, Org. por Shuma Schumacher e Eriço Vital Brazil, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2ª Edição, 2001, p. 15.

<sup>15</sup> Remetemo-nos para José Pacheco Pereira, “Das mulheres ou apenas de algumas mulheres”, in *Público*, 31 de Março de 2005. Veja-se a sua reprodução em [http://pontedososor.blogspot.com/2005\\_03\\_01pontedososor\\_archive.html](http://pontedososor.blogspot.com/2005_03_01pontedososor_archive.html)



*A mulher ainda é diferente, sem dúvida. E essa diferença é um peso que a distancia e separa dos que se sabem iguais. Essa diferença obriga-a a reconhecer-se como membro de um grupo que, embora tenha sido o leito que a canalizou e exteriorizou o seu descontentamento, a mantém agora cativa do que a unifica e não do que a distingue. A mulher vive o mal-estar da dualidade entre o ser pessoa e o ser mulher, o mal-estar de ter de se deslocar constantemente entre uma e outra, ou de ter de renunciar a ser uma coisa para continuar a ser a outra. O que significa que carece de uma subjectividade autónoma e diferenciada, mesmo quando tem entrada em dicionários notáveis. O exercício da autonomia requer condições mais subtis e, no fundo, mais superficiais que o acesso formal a uma educação, ao mercado de trabalho ou à vida pública.<sup>16</sup>*

Mas retomemos a nossa leitura. Assente num universo restrito de fontes - e de outro modo não seria possível levar a cabo esta tarefa - o primeiro volume de *Dicionário no Feminino (séculos XIX-XX)* traduz a dedicação de um vasto grupo de investigadores, como acima mencionado, assim como dos seus timoneiros. Quer de João Esteves que, especialista em estudos da mulher, assina a grande maioria das entradas; quer de Zília Osório de Castro, que limitando-se a assinar cinco dezenas de entradas, soube levar o grupo a bom-porto como, de resto, é costume. É com esta mesma dedicação que orienta os trabalhos do segundo volume, quando o primeiro já é mencionado como obra de referência pelos estudiosos desta área<sup>17</sup>.

Não será despidiendo mas antes se impõe uma ressalva, mais do que merecida, à exemplar coordenação dos 2 volumes que tem vindo a ser assegurada pelos investigadores António Ferreira de Sousa, Ilda Soares de Abreu e Maria Emília Stone. As obras colectivas de vulto, sabemos, para além dos seus arquitectos, beneficiam das “entourages” dos membros que a dirigem mais próximo do terreno, como é o caso dos três historiadores acima referidos. Estou em crer que a concretização de obras de vulto se fica a dever em boa medida ao saber, dedicação e empenho desses

---

<sup>16</sup> Victoria Camps, *O Século das Mulheres*, Lisboa, Editorial Presença, p. 118.

<sup>17</sup> Veja-se, a título de exemplo, Maria Alice Samara, *Operárias e Burguesas. As Mulheres no Tempo da República*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2007, p. 15.

colaboradores interessados em prosseguir e levar a bom termo os objectivos partilhados por tantos quantos os que participam em projectos desta envergadura. Mais do que palavras de ânimo é-lhes devida homenagem por tantos pois generosamente se prestam a servir em prol de interesses científicos e cívicos, nem sempre prosseguidos a par. E por ser devido, endereço e vos dedico, em nome de todos os intervenientes no processo de feitura do Dicionário, um sentido Bem Haja(m)! António, Ilda e Maria Emília!

Se a importância do primeiro volume radica no seu papel de pioneiro, trazendo à luz sobretudo as activistas da causa feminina e feminista da primeira metade do século XX; o segundo volume dará conta das de mulheres que se notabilizaram em organizações (e não as associações feministas), na militância católica, na administração pública e nos diversos sectores da oposição democrática. Do mesmo modo, estende-se a novas fontes e documentos. A par da análise da imprensa feminina, analisa a imprensa diária e a oficial - nomeadamente o *Diário do Governo*. Os volumes futuros, (expectáveis dado o manancial de informação coligida entretanto - estimo que aproximadamente o mesmo número de verbetes tenham sido já reunidos), o que naturalmente aponta para a premente edição do segundo tomo, sem comprometer a exequibilidade de manuseamento da obra enquanto instrumento de trabalho, deverão incluir índices. As pontes de acesso, de momento tangíveis em formato digital, a partir do site da FCSH em Faces de Eva deverão contemplar formas de agilizar e potenciar a utilização dos conteúdos constantes nos Dicionários.

#### «O estado da arte»

O *Dicionário no Feminino* surge como mais uma publicação ligada aos estudos sobre a mulher que, nos últimos anos, têm emergido nos meandros da comunidade científica. Enquanto a igualdade entre os sexos não for uma realidade, enquanto existir discriminação e forem necessárias cotas de participação para que as mulheres ocupem lugares de responsabilidade, quando por mérito o mereçam, a publicação deste tipo de estudos, e em particular a de dicionários, são em absoluto justificáveis e necessárias. Tanto mais que (re)põem o seu verdadeiro lugar na história da humanidade, e colocam-nos cada vez mais perto da ruptura definitiva com o retrato que a reduz à malícia; que se alimenta de e para uma sociedade assente na

preponderância dos ícones masculinos. Urge, como seguramente diria a nossa homenageada, alumiar a mulher como Pessoa - o que, na terminologia kantiana, significa “retê-la como sujeito”, e não como coisa, como objecto.

No contexto luso-brasileiro, encontramos uma série de obras do género, desde o fim da década de 60. Em 1967 veio à luz o *Dicionário mundial de mulheres notáveis*, de Américo Lopes de Oliveira e Mário Gonçalves Viana; em 1994, *Mulheres Portuguesas*, de Maria João Martins; em 1998, o *Dicionário Incompleto de Mulheres Rebeldes*, de Ana Barradas; e, dois anos depois, *Vinte Mulheres para o século XX*, da jornalista e escritora Inês Pedrosa. Em 2005, Ana Gabriela Macedo e Ana Luísa Amaral organizaram *Dicionário da Crítica Feminista*, uma obra que, como as próprias sublinham, “passa em revista os conceitos indispensáveis para a compreensão do feminismo e da teoria feminista, partindo da teoria crítica da Escola de Frankfurt”<sup>18</sup>.

Conquanto especializada, esta obra não é redutora; sendo norteadada por uma transversalidade conceptual, partilhada pela sociologia, filosofia e psicologia. Nas palavras de Teresa Santos, beneficia de duas qualidades, a saber:

*“uma, abertura epistemológica, derivada da interdisciplinaridade e interdiscursividade dos Estudos Feministas; outra, precisão na fixação e articulação dos termos, superando-se a flutuação discursiva habitual devida à “clandestinidade” dos estrangeirismos e às mutilações conceptuais causadas por traduções e reflectidas em Faces de Eva”<sup>19</sup>.*

Já em território brasileiro publicou-se, entre outras obras, o *Dicionário de Mulheres* de Hilda Agnes Hübner Flores, em 1999 - glossário que inclui nomes de mulheres relevantes no seio das comunidades que incorporaram, desde o séc. XVI, e que regista a actuação feminina na vida intelectual do Brasil, dando-lhe visibilidade - e , em 2000, o *Dicionário Mulheres do Brasil de 1500 até Actualidade*, organizado por Shuma Schumacher e Eriço Vital Brazil. Fruto do projecto “Mulher - 500 anos atrás dos panos”, este último procura “resgatar e divulgar a participação das mulheres

---

<sup>18</sup> <http://www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=4102>.

<sup>19</sup> *Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher*, Lisboa, Livros Horizonte, nº 16, 2006, pp. 209, 210.

na formação e no desenvolvimento do Brasil”<sup>20</sup>; fazer justiça face aos esquecimentos e falsidades da história, resgatando a história das mulheres. Lembrando a rebelião das mulheres contra a situação estabelecida - as índias contra a violência dos colonizadores, as negras contra a escravidão e as brancas contra os valores patriarcais vigentes - acentua o seu protagonismo nos avanços sociais e conquista dos direitos civis, de que hoje se desfruta; reportando ao período que vai de 1890 a 1975.

Na comunidade científica espanhola proliferam estudos sobre a mulher e, conseqüentemente, assiste-se à frequente publicação de obras deste teor. Arriscando olvidar uma lista imensa de títulos, destacamos, porém, o Dicionário prefaciado por Victoria Camps, uma das responsáveis pela “rede de mujeres”, publicado em 1994 e já acima mencionado - *Diccionario de Mujeres Célebres*. Obra que cresceu sob o signo do “feminismo da diferença”, elucidado pela filósofa no seu estudo *El Siglo de las Mujeres* (1998); onde alerta para as necessidades do discurso feminista mudar de registo e da universalização da sua causa, sem a qual os grandes problemas da sociedade coeva, tais como as da crise da segurança social e do desemprego, serão irresolúveis<sup>21</sup>. Na esteira de Deleuze e Lacan, o “feminismo da diferença” advoga que a procura e o reforço duma identidade feminina só se alcança pela apologia da diferença; contrapondo-se à perspectiva que, reivindicando a similitude entre homens e mulheres, enunciada no “feminismo da igualdade”<sup>22</sup>.

No mundo anglo-saxónico, onde os estudos sobre o feminismo mobilizam uma imensa quantidade de investigadores, particularmente, nas áreas de estudos sociais e humanos, e sobretudo desde a década de 70, existe uma lista imensa de dicionários. De entre os quais destacamos: *The Penguin Biographical Dictionary of Women* (1998), compilado por Maeket Books, reúne 1600 biografias de figuras maiores da ciência, da política, da poesia, do cinema, da literatura, entre outras; *The Macmillan Dictionary of Women's Biography* (1998), compilado e editado por Jennifer Uglow e Francês Hinton, reúne 2000 entradas sobre mulheres que desempenharam, ou desempenham, um papel histórico e social de relevo; *A Biographical Dictionary of Womens's Movements and Feminisms Central, Eastern, and*

---

<sup>20</sup> *Dicionário Mulheres do Brasil de 1500 até Actualidade*, Org. por Shuma Schumacher e Eriço Vital Brazil, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2ª Edição, 2001, p. 5

<sup>21</sup> Cf. Maria João Cabrita, «Determinação e Restrição»: *O Século das Mulheres* de Victoria Camps, in Cartaz, *Expresso*, 21 de Julho de 2001.

<sup>22</sup> Cf. “Os feminismos da diferença e do Género”, Comunicação apresentada pela Psicóloga Fernanda Dourado no Seminário org. pela UMAR, *Movimento Feminista em Portugal*, em Dez. 1998. Publicado em PDF.

*South Eastern Europe, 19th and 20th Centuries*, editado por Francisca de Haan, Krassimira Daskalova e Anna Loutfi, em 2006; e, ainda, deste mesmo ano, *Dictionary of Women Worldwide: 20,000 Women Through the Ages*. Constituída por dois volumes, esta última tem a vantagem de apresentar índices de profissão/ocupação, etnicidade/nacionalidade e cronológico.

Num âmbito mais especializado, remetemos para *Dictionary of Women Artists* (1997), editado por Delia Gaze - uma antologia que reúne biografias de mulheres ligadas e empenhadas num vasto leque de actividades artísticas<sup>23</sup> - e para *The Woman's Dictionary of Symbols and Sacred Objects* (...), da responsabilidade de Barbara G. Walker. Neste horizonte, Irene Dancyger denunciou, em 1978, o trágico desperdício de talentos a que se assistiu ao longo de sucessivas gerações, na sua expressão:

«Woman, enslaved by her biology, was dependent upon man. He who pays the piper calls the tune, and since time begun his tune has conditioned her to dance to his will, accept second-rate citizenship, the belief that her 'true function in life was to minister to his needs and comforts»<sup>24</sup>.

---

<sup>23</sup> “(...) in many ways this *Dictionary* may be regarded as anthology, the entries demonstrating the extremely wide range of artistic activities in which women have been engaged; the roles accorded to them in a patriarchal society; and their responses to the constraints imposed upon them” in Delia Gaze (editor), *Dictionary of Women Artists*, London and Chicago, Fitzroy Dearborn Publishers, Vol. I, p. viii.

<sup>24</sup> *A World of Women, An illustrated history of women's magazines*, Gill and Macmillan Ltd, London/Dublin, 1978, Introduction, p. 1.